

O PRINCÍPIO DE DEUS

Assim como para o estudo da ética é importante a análise e a reflexão sobre as ações humanas, também para Deus torna-se valiosa a intenção da ação humana na prática cotidiana das relações de uns com os outros, que pode ser de forma benevolente ou de forma malevolente. Conforme Marchionni (2008, p. 47), “tornar-se pessoa ética significa fazer ações que se realizem no homem à semelhança com a natureza verdadeira, bela e boa do Criador.”

Assim, para Deus é relevante o “movimento” que existe em todas as coisas que são obras de Sua criação. Nesse contexto, emerge o homem como a essência máxima de sua criação e expressão de potencialidades divinas, inclusive. Contudo Pessine, apud Camargo, afirma (1997, p. 76) que “o ser humano acontece no movimento da história que ele mesmo preside (...) o ser humano é o que ele decide ser pelo conjunto de suas ações”. É a vida, como um comandante que preside o movimento, que dá sentido à existência humana, no espaço que reconhecidamente impõe limites ao homem face ao existir enquanto terreno.

No viver humano também está o movimento, aquilo que exprime ação, assim como seus imperativos de existência, expressos pelos atos humanos numa realidade representada pelo viver entre um determinado tempo e um determinado espaço. E nesse viver, “Ver, ouvir, sentir, pensar, estar no mundo a partir de uma postura que nos leve a outros resultados.” (MIGLIORI, 1998, p. 17).

São exercícios de vida que exigem do homem obviamente outros atributos, como o conhecimento (o saber) de tudo que nos cerca e, ao mesmo tempo, possibilita-nos desenvolver a capacidade de elaborar nossas próprias leis pelo poder de escolha ou de opção (o ser). Dessa forma, percebe-se que a razão é um exercício mental e intelectual contínuo que permite fundamentar a criação de regras livres para o viver em sociedade. É dentro deste contexto que a Ética reivindica o poder de conduzir e orientar as ações humanas, definidoras de todo o escopo do saber científico dessa ciência, a ciência do bem viver, induzida pelas dificuldades de adequação do homem aos princípios e normas universalmente estabelecidos para a preservação da dignidade humana, no domínio histórico. A prioridade da ética é estudar e esclarecer a ação do homem perante si mesmo e o social.

Observa-se que no movimento de vida - a percepção de tudo que nos rodeia diariamente - algumas realidades escapam da observação passiva da vida: ninguém vê seu próprio cabelo crescer, pois foge ao controle do homem todo o processo biológico de seu corpo físico, ao longo do seu existir. Contudo se reconhece o movimento em todas as coisas, nas formas de vida como na água do mar em incessante movimento, nos animais, no ar, nas plantas. Enfim, a vida em seu processo contínuo de evolução se renova pelo nascer e pelo morrer.

O que é o movimento? É o mudar, o transformar, o melhorar. Conforme Migliori (1998, p. 13), “mudar, às vezes, significa simplesmente colocar movimento em situações que parecem estagnadas. Certezas internas que podem ser revistas, situações externas que talvez se modifiquem, não só como as nossas certezas internas determinam”. É nesse quadro que também percebemos nossas fraquezas e fortalezas. O homem se revela um portador de grandes poderes, capaz de mudar e transformar a realidade em que se insere, bastando apenas agir. Movimentar-se. Mas não só agir. Esse agir deve ser acompanhado de um refletir sobre o âmbito das situações e do pensar que exige, sobretudo, a capacidade mental necessária para dar um sentido, um valor moral ao esforço do agir, evitando-se assim as indagações de como se deve agir. O que seria o pensar e o agir, respectivamente? Subentende-se na palavra oração a expressão “ora e age”. É pela atividade operativa da vida que o homem se descobre como um ser individual e, ao mesmo tempo, universal, convivendo efetivamente na dualidade entre espírito e corpo, razão e emoção, consciência e inconsciência.

“O ‘agir segue o ser’, diz um axioma filosófico milenar (agere sequitur esse). O atributo específico do homem é o pensar. A pessoa atua conforme seu pensamento, implícita ou explicitamente, exceto nos atos instintivos. Cada ato humano é um pensar-agir. “Cindir ato e pensamento seria incompreensível.” (MARCHIONNI, 2008, p. 31)

Tanto para pensar como para agir, é importante lembrar a questão da liberdade. O livre arbítrio é um reconhecimento ao homem do que ele é em si: livre e responsável. Pelo grau de responsabilidade se dá a autonomia de escolha de uma ação e, pela liberdade, a determinação para agir. Dessa maneira, somos responsáveis pela vida que escolhemos viver e livres para mudar o que nos compete mudar.

Para finalizar, deixo aqui uma historinha bem familiar que certamente serve para uma boa reflexão: minha mãe, sempre inquieta no afã da vida cotidiana e já contando 75 anos de idade, tomava conta da casa, enquanto os filhos adultos iam trabalhar. Certo dia se sentiu indisposta, com uma intensa dor no peito que lhe deixou ofegante, fazendo-a sentar-se no sofá com a vassoura numa mão e uma flanela na outra. Era que pretendia arrumar a casa. Banhada pelo suor que lhe escorria pela face, pensou sobressaltada: vou morrer! Ai! Meu Deus! Agora e sozinha! Há tanto serviço na casa a fazer. E quando meus filhos chegarem? E a dor só aumentava, fazendo-a assim refletir: bem, já que vou morrer, preciso urgentemente arrumar a casa e fazer o almoço, senão meus filhos (como costumam dizer as mães, “os meninos”) ficarão sem comer, quando regressarem do trabalho. A “deciação” - desculpem a invenção da palavra (decisão +ação) – fez com que se esquecesse de morrer. Literalmente, esquecer-se de morrer! Existe?

Vale refletir e observar que a ação, o movimento, a decisão, pode influir para dar um novo rumo à vida. Pode até driblar a morte! Cuidado! O fato ainda não está cientificamente comprovado! Minha mãe, porém, já conta hoje com 84 anos de idade, sempre muita ativa, contando sua história para quem se dispõe a ouvi-la.

Taniguchi diz o seguinte: “(...) o universo me responde quando oro e o mundo se move quando eu me movo”. Essa é, a meu ver, uma verdade grandiosa! Vale a pena vivê-la!

Zélia Ramos
Mesc. Em Gestão da Educação

Referências

- CAMARGO, Marculino. Fundamentos de ética geral e profissional. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MARCHIONNI, Antonio. Ética: a arte do bom. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- MIGLIORI, Regina de Fátima, et al. Ética, Valores Humanos e Transformação. São Paulo: 1998. v. 1.
- PESSINE, Léo e BARCHIFONTAINE. (orgs.) Fundamentos da Bioética. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- SÁ, Antonio Lopes de. Ética e Valores Humanos. Curitiba: Juruá, 2008.

